

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**FRANQUILIN RAUPP**

**A ARTE E O ARTISTA NA CONCEPÇÃO DA E.E.B. CAETANO LUMMERTZ**

**CRICIÚMA**

**2017**

**FRANQUILIN RAUPP**

**A ARTE E O ARTISTA NA CONCEPÇÃO DA E.E.B. CAETANO LUMMERTZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>(a)</sup> Ma. Édina Regina Baumer

**CRICIÚMA**

**2017**

**FRANQUILIN RAUPP**

**A ARTE E O ARTISTA NA CONCEPÇÃO DA E.E.B. CAETANO LUMMERTZ**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciando, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em arte e educação.

Criciúma, 22 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Édina Regina Baumer – Mestrado em Educação - (UNESC) - Orientadora

Prof. Daniele Cristina Zacarão Pereira- Especialista em Educação estética -  
(UNESC)

Prof. Odete Angelina Calderan – Mestrado em Artes Visuais - (UFSM)

**As pessoas que dedicaram suas vidas, para  
a arte e para educação em Arte.**

## AGRADECIMENTOS

Tenho tanto sentimento

Tenho tanto sentimento  
Que é frequente persuadir-me  
De que sou sentimental,  
Mas reconheço, ao medir-me,  
Que tudo isso é pensamento,  
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira  
E qual errada, ninguém  
Nos saberá explicar;  
E vivemos de maneira  
Que a vida que a gente tem  
É a que tem que pensar.  
(Fernando Pessoa)

*“Não é sobre chegar*

*No topo do mundo e saber que venceu*

*É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu”*

*(Ana Vilela)*

## RESUMO

Percorrendo caminhos artográficos para identificar o processo de compreensão sobre as concepções da profissão artista apresento esta pesquisa realizada na Escola de Educação Básica Caetano Lummertz com o intuito de identificar se a formação dessas concepções contribuem para uma valorização da arte e do artista. O objetivo geral foi investigar a concepção da profissão artista, na visão da comunidade da Escola de Educação Básica Caetano Lummertz. Tracei como objetivos específicos: perceber quais os entendimentos sobre arte têm a professora de artes e alunos dessa escola; discutir o que é da cultura local e relacionar com outras formas de compreensão de arte; refletir sobre as concepções de profissão artista discutidas na universidade e os entendimentos dessas concepções na comunidade escolar. O problema da pesquisa foi: **Qual a concepção do professor de Arte e dos alunos do 9º ano da EEB Caetano Lummertz sobre a profissão artista? Essa concepção contribui para a valorização da arte e do artista?** Se insere na linha de pesquisa 'Arte e educação' e neste estudo os caminhos metodológicos foram a pesquisa de campo com embasamento teórico. Quanto aos resultados alcançados, aparentemente fica claro que parte dos alunos veem a arte no contexto onde estão inseridos e reconhecem as produções feitas por pessoas do meio onde vivem, como arte. No entanto parece não haver um reconhecimento de um profissional naqueles que desenvolvem as produções. Concluo então por ora que esses alunos tem uma concepção de arte diferente daquelas discutidas na universidade, no meio acadêmico em que estou inserido; ressalto porém que considero essa concepção não menos significativa, apenas diferente. Concluo ainda que as concepções reveladas na pesquisa valorizam a arte e mais, valorizam muito o que é da cultura local e os parabenizo por isso. Até o presente momento, ainda não consigo enxergar, neste campo de pesquisa – a EEB Caetano Lummertz – um reconhecimento no que diz respeito à profissão artista; mas por não conseguir ver não quer dizer que não há.

**Palavras-chave:** Ensino da arte. Profissão artista. Arte. Concepção. Experiência.

## **SUMÁRIO**

<b>1 CAMINHOS: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 O CAMINHO DA PESQUISA .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A ARTE E O ARTISTA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 A ARTE NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>4 A ARTE E O ARTISTA NA CONCEPÇÃO DA EEB CAETANO LUMMERTZ – SÃO JOÃO DO SUL – SANTA CATARINA.....</b>	<b>21</b>
<b>5 EU NO ATELIÊ: UM ARTISTA NA ESCOLA .....</b>	<b>31</b>
<b>6 UMA ANÁLISE PARA ENTÃO PROSEGUIR .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>



## 1 CAMINHOS: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

*“Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
A vida não para  
Enquanto o tempo  
Acelera e pede pressa  
Eu me recuso, faço hora  
Vou na valsa  
A vida é tão rara  
Enquanto todo mundo  
Espera a cura do mal  
E a loucura finge  
Que isso tudo é normal  
Eu finjo ter paciência  
O mundo vai girando  
Cada vez mais veloz  
A gente espera do mundo  
E o mundo espera de nós  
Um pouco mais de paciência  
Será que é tempo Que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo  
Pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara  
Tão rara  
Mesmo quando tudo pede  
Um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede  
Um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para  
A vida não para não*

*Será que é tempo  
 Que lhe falta pra perceber?  
 Será que temos esse tempo  
 Pra perder?  
 E quem quer saber?  
 A vida é tão rara  
 Tão rara  
 Mesmo quando tudo pede  
 Um pouco mais de calma  
 Até quando o corpo pede  
 Um pouco mais de alma  
 Eu sei, a vida é tão rara  
 A vida não para não  
 A vida é tão rara”*

(Lenine)

Era para ser apenas uma frase como todas as outras epígrafes, frases de músicas que costumo ouvir e que fizeram parte do meu processo de pesquisa e escrita do trabalho de conclusão de curso, no entanto essa música foi um pouco além, representando mais que apenas esse capítulo. Essa escrita fala muito sobre mim e sobre minha trajetória de vida até aqui e essa música, como também as outras citadas, ajudam a compreender, no meu ponto de vista, quem sou e meu modo de pensar. Por isso sugiro ao leitor que, ao ler este trabalho, procure também ouvir as músicas.

Eu cresci em um município chamado São João do Sul, no extremo sul de Santa Catarina, fazendo divisa com o estado do Rio Grande do Sul. Uma cidade pequena com pouco mais de sete mil habitantes. Um município que tem sua economia voltada para a agricultura. Cresci no campo, mas sempre achei que algumas concepções e pensamentos da comunidade em que convivia eram um tanto conservadores. Durante toda minha vida escolar eu tinha aptidão para o desenho, e percebia desde pequeno que esta habilidade não era valorizada e sempre que eu conseguia elogios pelas minhas produções vinham acompanhados de um “mas”, mas e o futebol? Mas e as namoradas? Como se as minhas produções não fossem suficientes para uma vida adulta, hoje, talvez, eu possa olhar para trás e dizer que

aquilo me deixou mais forte para seguir em frente. Tem marcas que o tempo não apaga talvez eu não queira me desfazer delas, essas cicatrizes ainda um pouco abertas é que me levam ao tema desta pesquisa: *Profissão artista*.

Quando criança eu tinha uma pré-disposição para o desenho e moda e eu sabia que era bom em produzir desenhos que se aproximavam do real, me levando assim a um isolamento por executar práticas diferente das outras crianças e almejar coisas que não eram comuns no meio onde eu estava inserido. Tinha dificuldades em fazer amizades por causa dos meus anseios com as meninas e dificuldade de fazer amizades com os meninos por ser diferente e gostar de coisas diferentes, voltando todo o meu tempo para o desenho. Naquela época minha concepção de um bom trabalho era a perfeição, se aproximar ao máximo do real. Não tive uma professora de Arte que me ajudasse no processo de compreensão das artes, na verdade acredito que para minhas professoras de Arte eu era muito bom pensando e trabalhando para um desenho que se aproximasse ao máximo do real, do natural e colorindo sempre dentro da linha sem borrões, sem permitir o acaso. O que me leva ao problema: a compreensão da arte nos dias de hoje na província onde eu morava até 2009, e voltei a morar em 2016 para concluir meus estágios e realizar a pesquisa de conclusão de curso.

Uma outra paixão que me acompanha desde a infância, são os sapatos; sempre pensava quando criança que eu teria uma sapataria e as vitrines das sapatarias sempre me encantam, talvez porque naquela época eu não tinha muitos sapatos, não que algum dia me faltou o que calçar, isso nunca aconteceu, mas esse desejo me levou a sair da cidade de área rural. Aí começou uma nova trajetória na minha vida, as descobertas de um novo mundo. Enquanto eu morava em São João do Sul eu me isolava, no início de 2009 em Criciúma a palavra seria 'interação', meu lema era: sou homossexual, se quer me conhecer tem que me respeitar assim. Posso tranquilamente chamar esse período da minha vida de renascimento: a origem e a essência. Nunca deixei quem eu fui para trás, mas agora eu também era quem eu queria ser.

Trabalhando em uma sapataria, fazendo minhas próprias vitrines, conhecendo pessoas que gostavam de mim assim como sou. Conhecendo pessoas que gostavam de ler, de músicas e de teatro. Ah... o teatro, dois anos na companhia

Dori Búrigo<sup>1</sup>, que experiência fantástica me aproximar das artes dessa maneira e subir no palco, viver essa experiência mágica e única. E foi lá na FCC (Fundação Cultural de Criciúma)<sup>2</sup> em uma oficina de desenho de observação e conhecendo pessoas do Curso de Artes Visuais da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense)<sup>3</sup> – que eu decidi que isso era o que eu queria fazer: arte.

Nesse momento eu tive certeza, entrei para o Curso de Artes Visuais da UNESC, saí da sapataria, comecei a trabalhar como bolsista de extensão no Setor de Arte e Cultura da universidade, com indicação da coordenadora do curso. Agora estava lá, embriagado pela minha certeza, como se eu pudesse mergulhar no oceano e tocar o fundo, porém eu não sabia nadar. Afinal que certeza temos do desconhecido? Essa era a única certeza: que eu não sabia nada sobre arte, eu tinha aprendido a soletrar e agora eu teria que aprender a enxergar nas entrelinhas. O tempo foi passando eu fui amadurecendo e sim, um curso superior nos faz amadurecer muito. Com algumas dificuldades, mas persisti, aumentando meu repertório artístico e cultural, buscando compreender e respeitar as diferentes formas de organização cultural.

Durante esse período tenho sido um camaleão, sendo muitos para ser eu, aprendia em sala de aula e no trabalho. Como não citar o trabalho com a artista visual Ana Clara Piccolo, que muito me fez compreender sobre a subjetividade da arte. Poderia aqui enumerar muitas outras pessoas que me fortaleceram nesse processo, mas precisamos chegar ao desfecho dessa história, da minha história como artista, como professor, como professor/artista em formação.

Aos poucos surgiu a necessidade de voltar para minhas origens, olhar para o passado, pensando no agora e fazer relação entre como foi minha experiência na escola e como são as experiências vividas pelos alunos de hoje, mais especificamente no que se refere ao envolvimento com a arte.

Chegou a hora de mexer nas feridas. Não que eu anseie mudar o mundo ou a pequena São João do Sul, mas preciso compreendê-la nos dias atuais para então fechar minhas feridas ainda abertas e poder seguir em frente. Pois, ainda observo que essa profissão, o artista, está estereotipada como algo sem futuro financeiro, que o

---

<sup>1</sup> Companhia de teatro Dori Búrigo, ministrada pela professora Doriana Búrigo na Fundação Cultural de Criciúma.

<sup>2</sup> Optei por não usar lista de siglas

<sup>3</sup> Optei por não usar lista de siglas

trabalho autônomo do artista não passa segurança e estabilidade. Preciso me colocar como sujeito em processo de formação que faz relação com suas experiências de vida e percebe a geração que está na escola agora, podendo então avaliar se os medos e preocupações são os mesmos. O intuito desse estudo foi buscar a compreensão das concepções de arte na escola onde estudei, e perceber como a arte pode contribuir para uma geração diferente, pensando de que forma podemos em sala de aula romper alguns paradigmas estabelecidos pelo que é cultural, mas que talvez já esteja ultrapassado ao se falar de Arte e profissão artista.

Quais pensamentos sobre o papel do artista no meio social têm a professora de Arte e alunos do 9º ano da E.E.B. (Escola de Educação Básica)<sup>4</sup> Caetano Lummertz? Qual a concepção de arte dos mesmos? E que papel tem o professor de Arte na construção do olhar estético dos alunos? Responder essas perguntas e continuar nos questionando, como por exemplo, será que o que é ensinado sobre arte ainda é o mesmo de quando eu estudei? A relevância dessas perguntas está para o fato de que eu enquanto indivíduo preciso respondê-las para então continuar no caminho, buscando me tornar um ótimo profissional. A partir da compreensão do momento atual no mundo da arte e a partir desta experiência de pesquisa posso então me comprometer em ser um mediador dos conhecimentos sobre as artes visuais. Propondo por meio da Arte uma maior interação entre objeto e o sujeito, podendo reverberar em maior interação entre sujeito e sujeito.

## 1.1 O CAMINHO DA PESQUISA

Pesquisar significa, no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001), investigar, indagar, procurar com diligência. Neste estudo os caminhos metodológicos foram a pesquisa de campo com embasamento teórico, além de um olhar para as minhas vivências, buscando investigar e coletar dados para então reflexionar e discutir sobre o problema: **Qual a concepção do professor de Arte e dos alunos do 9º ano da E.E.B. Caetano Lummertz sobre a profissão artista? Essa concepção contribui para a valorização da arte e do artista?**

Considerando que, em caminhos artográficos, “Pesquisa, docência e experiência estética podem se imbricar de tal forma que se torna impossível dizer

---

<sup>4</sup> Optei por não usar lista de siglas

onde começa uma e onde termina a outra.”. (DIAS; IRWIN, 2013, p. 64). Dessa forma, a metodologia da pesquisa será a artografia considerando os rumos e métodos que o desenrolar da pesquisa vem tomando. Dias e Irwin (2013, p. 67) conceituam a ideia deste método de pesquisa explicando que: “Compreender essa possibilidade de criação metodológica, a instabilidade dos percursos de investigação e ensino e os retornos e recomeços que caracterizam estas ações são desafios para pesquisadores, iniciantes e experientes.” Definem ainda:

A ideia de encontrar um “bom” método, conforme destacamos anteriormente, cerceia a atitude investigativa, pois admite, *a priori*, que existe o “método ideal” para conduzir uma investigação. Usar apenas um método, além de ser uma limitação, contraria a natureza exploratória do trabalho de pesquisa e docência. Novamente, pensar o método como um *a priori* da pesquisa ou como a aplicação de normas certas para atingir um fim pré-determinado o controle e a previsão, dimensões que abortam possibilidades de questionamentos, redirecionamentos e enfrentamentos que podem ser produtivos para a realização do trabalho. (DIAS e IRWIN, 2013, p.67)

Na pesquisa de campo, procurei questionar a comunidade escolar, de Vila Santa Catarina – bairro de São João do Sul, onde está situada a escola – sobre sua concepção da profissão artista, por meio de uma entrevista e também por meio de minhas observações e anotações durante o período de estágio da sexta fase (segundo semestre do ano de 2017) do curso de graduação em Artes Visuais licenciatura da UNESC. Ainda no primeiro semestre do ano, percebi durante o meu estagio da quinta fase que os professores da área, nessa escola, estão sem novas experiências no que se refere a pesquisa em arte e que suas concepções tendem a se distanciar do quem vem sendo discutido dentro da universidade.

O objetivo geral foi investigar a concepção da profissão artista, na visão da comunidade da Escola de Educação Básica Caetano Lummertz. A pesquisa se insere na linha de pesquisa ‘Arte e educação’ do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC, e revela em mim, a arte uma paixão e a educação uma preocupação: pensar como a educação tem refletido na geração de jovens e seus reflexos com o passar dos anos. Pensando a arte e a profissão artista que percebo ser desvalorizada no município de São João do Sul, tracei como objetivos específicos: perceber quais os entendimentos sobre arte têm a professora de arte e alunos do nono ano dessa escola; discutir o que é da cultura local e relacionar com outras formas de compreensão de arte; refletir sobre as concepções de profissão artista discutidas na universidade e os entendimentos dessas concepções na comunidade escolar.

Para tanto, preciso rememorar sobre arte e artista, para que então eu possa por meio desta pesquisa apreender, fazendo relações com que é conhecido e novo.

## 2 A ARTE E O ARTISTA

*“Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o  
que virá/ O fim dela ninguém sabe bem ao certo  
onde vai dar/ Vamos todos numa linda passarela  
De uma aquarela que um dia enfim  
Descolorirá”*

(Toquinho)

A arte se apresenta de diversas maneiras ao longo da história da humanidade, de modo singular expressa e conta a história de um grupo de pessoas em um determinado contexto. “Cada civilização tem a sua arte, cada povo a sua poesia, cada época o seu estilo. A obra de arte, como filha de seu tempo, e, portanto, como expressão da alma de um determinado povo ou de uma determinada época”. (PAREYSON, 1997, p. 125-126).

Desde a pré-história até os dias atuais:

A arte surgiu com os primórdios da humanidade, se revelou com suas primeiras ações, principalmente através de seu trabalho, condição necessária para sua sobrevivência, em que o homem utiliza a natureza transformando-a. As pinturas rupestres, também caracterizavam essas primeiras formas de ação, demonstrando que o homem da caverna, naquele tempo, já tinha interesse em se expressar de maneira diferente (FISCHER, 1983).

Mas entendemos como profissão há bem menos tempo, o fazer desses registros poéticos da nossa história. Não sei ao certo quando os primeiros artesãos, escultores ou pintores começaram a receber por seus trabalhos, sendo como moeda de troca ou dinheiro referente a sua época. “Curiosamente, Adriano encomendou uma grande estatueta de ouro e marfim de Zeus para a câmara interna e outra, apenas um pouco menor, de si próprio.” A partir do que está citado no site<sup>5</sup> e considerando que com uma encomenda haja também um pagamento, podemos presumir que, no período antes de Cristo, quando o imperador Adriano governava, existiam pessoas trabalhando e pensando arte de acordo com o contexto de sua época. Ao longo da história a profissão foi se consolidando.

É do meu conhecimento que no Brasil temos artistas reconhecidos desde os séculos XVIII e XIX, com ideias neoclássicas, ou o movimento barroco com Aleijadinho; mais tarde no século XX surgem nomes mais conhecidos pelos alunos com Tarsila do Amaral entre tantos outros nomes. Esse fato mostra que a profissão

---

<sup>5</sup> <https://www.expedia.com.br>



artista existe muito antes da regulamentação da profissão, que só se deu muito recentemente na lei n. 6.533, de 24 de maio 1978: “I - Artista, o profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública.”

Nesta pesquisa usamos a palavra artista para definir todo aquele que produz arte em qualquer uma de suas linguagens, mas a lei anteriormente citada, que regulamenta a profissão artista, parece estar direcionada aos atores, grandes mídias e espetáculos. A visão resumida de que o artista é apenas o ator ou músico que atingiu a fama nos faz pensar se essa lei é para artistas ou para famosos. Já um dos pontos positivos da lei está no art. 2º, que regulamenta o trabalho do profissional envolvido na execução.

II - Técnico em Espetáculos de Diversões, o profissional que, mesmo em caráter auxiliar, participa, individualmente ou em grupo, de atividade profissional ligada diretamente à elaboração, registro, apresentação ou conservação de programas, espetáculos e produções.

A Semana de 1922 foi o que posso chamar de um grande marco para as artes no Brasil. Depois desse momento o país teve uma ascensão chegando à Tropicália, um movimento genuinamente brasileiro enaltecendo a identidade do seu povo. E caminhando para o reconhecimento dos artistas em suas diversas áreas de atuação.

Para fins metodológicos e didáticos, situou-se a Tropicália em dois momentos distintos: a formação da identidade tropicalista e a popularização pós-festivais. No primeiro, [...] procurou-se destacar o contexto histórico do nascimento do movimento, suas motivações, a não-aceitação da crítica e o papel da imprensa na consolidação das tendências inovadoras. Na segunda fase, já com o avanço das políticas repressoras da ditadura (instaura-se o AI-5), um misto de liberdade e perseguição. A censura cala as manifestações artísticas do grupo, mesmo que aparentemente apolíticas. Os costumes tradicionais de uma sociedade conservadora estavam sendo ameaçados pelos postulados tropicalistas. (GOULAT et al., 2013, p.2)

Visto por nós como uma consolidação dos avanços para as artes e para os profissionais dessa área do conhecimento, que ganham mais autonomia e reconhecimento nas suas profissões e trabalhos executados, podemos considerar que o século XX tem sido de grandes conquistas para o país no que se refere às artes.

Por volta de 1984, acontece, considerado por mim um dos maiores feitos do século no que se refere a arte e a educação na área de arte.

Acredito, um período extremamente importante na questão da consolidação,

talvez mesmo até do “nascimento institucional” da pesquisa em arte. Cometerei, ainda, a indelicadeza de falar sobre mim, porque eu participei deste processo muito de perto, tanto na formação da área de artes no CNPq, como da fundação do que seria a Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes plásticas, a ANPAP. (ZAMBONI, 2005, p. 189).

Nesse momento foi onde passamos a publicar pesquisas científicas nas áreas das artes, mesmo que não houvesse muitos pesquisadores mas haviam muitos recursos, foi o início para que nos dias de hoje, mais de 30 anos depois, nós que pesquisamos nas áreas das artes pudéssemos trilhar um caminho um pouco mais solidificado. Com profundo conhecimento e fazendo parte do fortalecimento do CNPq, Zamboni afirma que:

- entendia que estava na condição propícia de realizar um bom trabalho em prol das artes no país. Não se deve esquecer que, naquela época, o CNPq era um órgão bem mais influente e com muito mais recursos, influenciando no desenvolvimento de pesquisas, no direcionamento, na formação e na capacitação de pesquisadores e professores universitários em todo o país, ou seja, o CNPq não era um mero balcão no qual se solicitavam auxílios e negociavam bolsas de estudo. (ZAMBONI, 2005, p.191).

Reconhecendo o quão significativo foram esses feitos pela arte e também pela educação, passaremos a falar então da arte na educação, das metodologias e reflexões sobre o ensino e a formação do professor.

### 3 A ARTE NA EDUCAÇÃO

*Quero falar de uma coisa/ Adivinha onde ela anda  
/Deve estar dentro do peito/ Ou caminha pelo ar/  
Pode estar aqui do lado/ Bem mais perto que  
pensamos/ A folha da juventude/ É o nome certo  
desse amor/ Já podaram seus momentos/  
Desviaram seu destino/ Seu sorriso de menino/  
Quantas vezes se escondeu/ Mas renova-se a  
esperança/ Nova aurora a cada dia/ E há que se  
cuidar do broto/ Pra que a vida nos dê flor e fruto*

(Milton Nascimento)

As funções da arte na educação envolvem muito das nossas emoções, estimulam o cérebro e o corpo, tem relações com quem somos e com o meio em que nos relacionamos.

Antes da Pedagogia, a Psicologia já havia percebido a importância da arte nos processos do desenvolvimento humano. Partindo do princípio de que a expressividade e a criatividade não só interagem com os demais processos mentais, mas que esta interação é fundamental para a aprendizagem significativa e a construção do conhecimento, estas ciências procuraram demonstrar que, na arte, o homem realiza de maneira mais perfeita a integração de suas funções, pois nela intervêm e agem harmoniosamente a inteligência, a vontade, a imaginação e a emoção na complexidade de ações humanas ao mesmo tempo múltiplas e únicas. (SAD FILHO, 2013, p. 14)

Contudo esse processo em sala de aula é pensado por muitos como algo menos relevante. Considerando minhas experiências em sala de aula digo que a compreensão da complexidade da arte tem sido banalizada e sendo substituída muitas vezes por atividades cujos os objetivos estão entre apenas um fazer por fazer, para atingir beleza em objetos bem-acabados, e/ou por atividades para divertir-se, distrair-se ou passar o tempo.

A arte propõe reflexões com o meio e com o próprio sujeito, aborda temas polêmicos, faz registros do seu tempo. No ensino da arte podemos ter fortalecidas as relações com a cultura e ver estimulada a criação.

A arte na educação é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2007, p. 23)

Quando se apropria da arte o sujeito em formação se reconhece como parte da sua cultura.

As vezes acabamos enaltecendo disciplinas como português e

matemática, por não refletir sobre – falo me colocando como um sujeito que já fez isso. Precisei compreender a função da arte para então perceber seu papel na escola. Ferraz e Fusari (2009, p. 18) nos falam do significado da arte na educação: “Primeiramente, é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização.” É importante salientar também a interdisciplinaridade que as linguagens da arte proporcionam atingindo assim aspectos da arte e do ensino reafirmando que “[...] o valor da arte está em ser o meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências.”. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 18).

Por meio do ensino da arte, o ambiente escolar abre oportunidades para a aproximação com diversas manifestações artísticas e de várias épocas, possibilitando ao sujeito a formação do pensamento crítico. Ferraz e Fusari (2009, p.19) nos dizem ainda que:

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e as outras produções do campo artístico (artesanato, objetos, design, audiovisual etc.), o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende dar sentido a ela. Desse convívio decorrem, portanto, conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, mas, acima de tudo, possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades da arte, tanto eruditas como populares.

Apresentando-se então a importância da educação em arte e suas funções para a formação do sujeito e suas concepções torna-se ainda preciso considerar a formação do profissional da educação, o professor. Posso, a partir do meu processo de aprendizagem à docência, dizer que o curso no qual me insiro, está acompanhando pensamentos de Martins (2015, p. 99) sobre as pedagogias da cultura visual, que segundo ele:

- não se organizam apenas a partir de práticas focadas em nomes/biografias de indivíduos/artistas, obras, artefatos e acontecimentos, mas, principalmente, se orientam para os usos e significados culturais dessas produções e suas relações culturais; - não se preocupam apenas com o sentido estético de uma obra ou artefato, mas buscam compreender seus significados considerando o momento histórico e o contexto da cultura que o produziu; - não tratam imagens e artefatos visuais como códigos a serem decifrados, ou verdades a serem reveladas, mas como modos de pensar construídos a partir de interpretações que representam diferentes posições, contradições e afetos que envolvem os agentes na busca de significados; - abordam as imagens como representações sociais, de modo transdisciplinar, estabelecendo relações interculturais que favoreçam olhar e compreensão críticos; - examinam e discutem ideias tais como ‘mudança’, ‘diferença’ e ‘identidade’, questionando como essas concepções afetam alunos,

professores e suas práticas pedagógicas; - destacam a importância de uma visão pluralista que aborde os artefatos culturais a partir de múltiplas perspectivas teóricas.

Essas pedagogias culturais conduzem a um aprendizado que considero, com base no que aprendi, de extrema importância para o processo emancipatório do alunos, e fazem ver o aluno como sujeito ativo.

Com as entrevistas feitas com os alunos do nono ano da Escola de Educação Básica Caetano Lummertz poderemos além de analisar nosso questionamento sobre as concepções de arte e da profissão artistas desses alunos, identificar se essas pedagogias vem sendo desenvolvidas de acordo com o que acabamos de ver.

#### 4 A ARTE E O ARTISTA NA CONCEPÇÃO DA E.E.B CAETANO LUMMERTZ – SÃO JOÃO DO SUL – SANTA CATARINA

*“É, se eu acredito, é minha verdade  
É simples assim”*

(Lenine)

Durante o mês de setembro e outubro de 2017, nas segundas pela manhã entre oito e dez horas tive o prazer de estar junto a turma do nono ano e a professora de arte na EEB Caetano Lummertz. Nesses momentos pude observar o que vem sendo trabalhado nas aulas de arte e qual a importância que essa turma atribui à arte e aos temas abordados.

Uma turma com 24 alunos, logo entendo que são 25 personalidades contado com a professora, estabelecendo relações, divergindo e construindo conhecimento. Percebo em alguns um certo desprezo em relação às atividades propostas, contudo em um contra ponto há alunos que vorazmente se apropriam da atividade.

Durante essas oito semanas vivenciei por meio da observação, leituras textuais, leituras de imagens e práticas com tinta e carvão, também gravura e serigrafia; em alguns alunos, era notável o fazer pelo fazer, já em outros era o encontro entre o eu e pratica, era o expressar-me no objeto. Dava pra sentir que iam além de uma atividade escolar.

Esse período foi onde consegui conquistar alguns alunos e me aproximar mais significativamente, também criamos nesse processo um grupo no whatsapp, um aplicativo de celular que me permitiu, de uma maneira mais sutil, continuar observando por meio das escritas, seus entendimentos sobre as linguagem da arte e suas concepções sobre o artista, caracterizando assim o procedimento, pelo aplicativo, como entrevista semiestruturada, na continuidade do processo.

Ainda em sala de aula, em certo momento perguntei quais deles gostariam de conceder uma entrevista. Espontaneamente nove deles se habilitaram, iniciamos assim o processo com a autorização previa dos pais e então um a um, utilizando a sala dos professores, fomos conversando. Havia perguntas pré estabelecidas para que eu conseguisse responder meus questionamentos e outras que foram surgindo ao longo da conversa. Dias e Irwin (2009, p. 69) conceituam as possibilidades de imprevisto do pesquisador:

O caráter criativo do método é destacado por Denzin e Lincoln (2002, p. 4) quando dizem que “se novos instrumentos ou técnicas têm que ser inventadas, ou agregadas, o pesquisador fará isso. As escolhas sobre quais práticas interpretativas empregar não são necessariamente definidas por antecipação”. A invenção não se resume, então, à criação de novos procedimentos de coleta de dados. Inclui a escolha (refinamento) do tema – questões que vão configura-lo e aspectos que o caracterizarão -, possíveis formas de abordá-lo (considerando abrangência e visibilidade) e, ainda, práticas interpretativas – como criar relações, construir argumentos, tecer redes que integrem sujeitos, experiência e contexto.

O notebook estava aberto sobre a mesa e algumas vezes percebi, ansiedade e nervosismo, então baixava a tela da máquina, e iniciava a conversa com perguntas menos relevantes para pesquisa no intuito de tranquilizá-los. Seu nome? Qual atividade estava sendo desenvolvida em sala de aula? Quais áreas do conhecimento você mais gosta? Eram perguntas feitas para deixá-los mais seguros.

Ao iniciar as perguntas sempre fazíamos acordos, de que eu sempre iria reler as perguntas e respostas quando fosse sugerido ou no fim de cada resposta, e sempre que necessário poderíamos refazer se fosse do desejo do aluno ou da professora. Dentre as perguntas pré estabelecidas a primeira era:

- *O que você compreende como arte?* (Pesquisador)

Surgiram respostas muito similares, falando de ritos religiosos, música, dança, teatro e pintura em suas mais diversas ramificações.

- *Eu acho que arte é, pintura, desenho, a dança, a música é tudo o que a pessoa teve capacidade de criar* (Leticia). Ou,

- *Uma forma de expressar os sentimentos, pintura, escultura, dança, música, desenho, teatro, cinema, artesanato é isso* (Gustavo). Ou,

- *Eu acho que arte é como as pessoas veem as coisas, cores, objetos, arquitetura, música, dança, escultura da santa na praça* (Guilherme). Ainda,

- *Arte é quase tudo, tudo o que a pessoa fala, ouve, vê. Dança, cantar na igreja, quadros, mostra de arte, já fui a uma mostra de arte aqui na escola* (Bruno Santana).

A professora C. Magnus, desta turma, que também concedeu entrevista, respondeu:

- *A arte é uma das melhores formas do ser humano expressar seus sentimentos e emoções. Ela é um conjunto de formas e meios através dos quais é possível obter finalidades práticas e produção de objetos. Ela pode ser representada de diversas formas, por pintura, escultura, teatro, dança, música entre outros. Ela é o reflexo da cultura e da história de um povo.*

Percebi claramente na fala dos alunos entrevistados como o que é arte esta imbricado no que faz parte da cultura deles. E Martins diz: “A cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura” (2015, p.23)

Quanto à segunda pergunta:

- *Você conhece ou sabe se existe algum artista na sua cidade?*

(Pesquisador)

Respostas que me chamaram a atenção foram: quando o aluno apresentou pessoas da família como proponentes de arte. Familiares que fazem esculturas que representam animais e ferramentas do seu cotidiano. - *Meu avô faz mini esculturas de carros de boi* (Caroline). Ou, - *Sim, conheço meu pai que faz mini esculturas de madeiras: carrinho de mão, zorras de fumo, carros boi, e bois* (Eduarda).

Resposta da professora:

- *Sim, os artesãos são artistas do lugar onde moro. Pessoas simples, sem instrução que encontram no artesanato, uma forma de mostrar sua arte. Arte que repassa um pouco da tradição do lugar, de geração em geração, pois muitas pessoas mostram aquilo que aprenderam com seus pais, que ensinam seus filhos e assim sucessivamente* (C. Magnus).

Ao questioná-los porque os consideram artistas, as respostas foram diversas, como por exemplo, eles são artistas:

- *Por que além da profissão delas elas estão fazendo arte como hobby. Ela está ali porque ela gosta de fazer aquilo* (Eduarda). Ou,

- *As moças que pintam e elas vendem então acho que isso já se torna uma profissão, e outros por hobby. É uma forma de botar pra fora o que eles estão sentindo* (Gustavo). Ainda,

- *Por que todo mundo tem um dom de fazer alguma coisa, e eles tem os dom de fazer, para que as pessoas vejam* (Caroline).

A professora:

- *Sim, pois é um profissional que sabe utilizar os recursos existentes na produção manual de objetos. Normalmente ele não tem uma instrução técnica, mas tem o dom de, com ajuda de instrumentos e matéria prima apropriados criar o que conhecemos por artesanato. Geralmente o fruto desta criação reproduz a interação deste profissional com o contexto no qual ele está inserido, ou seja, com sua vida cultural* (C. Magnus).



Nesse momento fui surpreendido por mim mesmo ao perceber que os alunos estão certos quando dizem que arte é o processo, transcende as produções, é a relação entre sujeito e objeto, e a relação entre quem são dentro da sua própria cultura e o que é produzido como representação, o sensível. Há uma linha tênue e subjetiva que diz que tudo pode ser arte e ao mesmo tempo diz que nem tudo é arte. Dentro da singularidade subjetiva do olhar histórico-social e cultural, acredito que estejam sim todos eles, certos em suas opiniões. Martins comenta sobre como o meio está diretamente ligado às reflexões.

O olhar sempre está transpassado por condições e referentes que se superpõem, tais como classe, raça, idade, estilo de vida, preferências sexuais e muitas outras. Via olhar, essas relações embebem (contaminam) o espaço da imagem com informações, preconceitos, expectativas e predisposições, transformando em espaço de interação, de interação e diálogos com subjetividades. Por isso mesmo, esses espaços são passíveis de sugerirem e influenciarem reposicionamentos sóciosimbólicos e, inclusive, de repulsa. (MARTINS, 2015, p.24).

Figura A – Da série “Paisagens Distópicas”, 2014



Fonte: <https://catracalivre.com.br/sp/agenda/gratis/caos-da-vida-moderna-e-retratado-em-exposicao-na-galeria-tato/>

Esta imagem chamada ‘Caos da vida moderna’, de Marcelo Gandhi, deve

ajudar no processo de compreensão das relações construídas pelo sujeito a partir de símbolos e signos: cada sujeito olha e se apropria da imagem de modo diferente fazendo relações com suas experiências e vivências baseando-se na sua singularidade subjetiva. Então se aproxima da imagem e do caos proposto pelo artista, considerando simpatia ou repulsa, há uma relação entre artista, objeto e espectador. Contudo essas relações também acontecem com os alunos no seu contexto, com os objetos que eles consideram arte e seus proponentes.

Em reflexões sobre como o ensino da arte pode ou não ser parte importante na formação de suas concepções de artes, questionei os participantes com duas perguntas; primeiramente perguntei:

*- Você entende que as aulas de artes nos ajudam a compreender o que é arte? (Pesquisador).*

A professora respondeu:

*- Sim, as aulas de artes, seja qual for a forma, abrange a habilidade de alterar, renovar, recombinar o aspecto da vida, da experiência acumulada. Implica em sentir o mundo com vitalidade e fazer um novo uso do que se percebeu. É expressar nossas vivências, nossos sonhos, conforme os sentidos e descobrir novas formas, segundo as quais a sociedade pode ser construída. É claro, que para tudo isso aconteça também depende de um profissional, que utilize formas e maneiras diversificadas em suas aulas, de mente aberta que saiba orientar seus alunos de forma correta. Também depende de pessoas mais abertas em aceitar opiniões, pois na carreira de um professor de artes sempre passa aqueles que não aceitam o diferente, pois dá trabalho, não aceitam pensar. O caminho é árduo, mas possível (C. Magnus).*

As respostas dos alunos foram sempre iniciando com ‘*Sim*’, no entanto o discurso nos apresenta algumas fragilidades, por exemplo, quando os alunos colocaram como ponto positivo:

*- [...] melhorar desenvolvimento motor (Bruno Santana).*

*- A parte teórica só, a parte pratica nem tanto. A partir das leituras eu entendo mais, e os meus desenhos não ficam tão bons (Vinicius).*

Ou ainda quando avaliam seus próprios trabalhos como bom ou ruim quando se aproximam do realismo e naturalismo.

No meu ponto de vista, essas falas se afastam da ideia da concepção de arte que vem sendo discutida em sala de aula na universidade. Nos aproximamos do

pensamento de Canton (2009, p. 18) que afirma: “essas eram as aspirações dos artistas modernos. Todos os movimentos que eles criaram, independentemente de suas singularidades, estão ligados às noções de novo e ruptura”, onde não há uma busca pelo desenvolvimento motor ou técnica mas sim um processo de aprendizagem, a experiência, a busca pelo novo e pela ruptura como citado pela autora. Ferraz e Fusari (2009, p.23) trazem pensamentos sobre o ensino da arte na escola. Comentando as relações artistas-obras-público-modos de comunicação.

Isto significa que estamos levando em conta as experiências de ensino e aprendizagem de Arte direcionada à produção artística (*fazer*), ao *apreciar* e ao *refletir* sobre tais produções e sobre as produzidas pela humanidade, associando processos afetivos, imaginativos e de cognição. Para ajudar o entendimento das ações que integram o fazer e refletir sobre a arte nas modalidades artes visuais, música, teatro, dança, artes audiovisuais[...]

A última pergunta foi:

- *As aulas de artes nos ajudam a compreender quem são os artistas que estão no nosso meio?* (Pesquisador).

- *Sim, quase sempre quando vamos fazer uma releitura de imagem temos uma referência de artista.* (Bruno Santana).

- *Eles são artistas da tua cidade?* (Pesquisador).

- *Não, pelo que eles produzem* (Bruno Santana). Ou,

- *Sim, a partir das práticas com pinturas, a partir de imagens eu consigo relacionar, o que os artistas da região fazem* (Bruno Pereira). Ou,

- *Sim, por que foi depois que a professora Cristina explicou o que é arte que eu comecei a considerar quem pinta os tapetes e a Miria Miguel como artistas. Já tive professores que eram mais pro lado do artesanato, fazer fuxico e a cerâmica como um tipo de artesanato* (Leticia). Ou,

- *A partir das aulas de artes eu aprendo as linguagens e então percebo no meio quem são os artistas, percebi que meu avô e quem canta e toca instrumentos são artistas também* (Caroline). Ainda,

- *Quando a professora comenta em sala de aula sobre os artistas como Leonardo da Vinci, isso me ajuda a entender quem são as pessoas que fazem arte perto de mim. Prefiro me expressar com desenhos, considero que as pinturas que fazemos em sala de aula ajudam a entender que quem pinta tapete também são artistas* (Eduarda).

Durante essas respostas dos alunos percebi que são principalmente as relações feitas entre os artistas e obras apresentadas pela professora que conceituam quem são os artistas que os rodeiam.

A resposta da professora nos mostra essa mesma concepção.

- *Sim, mas como ressaltei na questão anterior depende muito do profissional. A professores que se renovam a cada ano, que buscam técnicas e conhecimentos diversificados, mas também tem aqueles que encontram nas formas tradicionais sem inovação, sem busca nenhuma, a melhor forma de dar sua aula (C. Magnus).*

Isso mostra uma outra fragilidade que pode ou não ter relevância na concepção de quem são os profissionais artistas do meio onde estão inseridos. Na minha percepção a aproximação com profissionais artistas do contexto regional do aluno pode estabelecer concepções diferentes de quem propõem arte e quem se envolve com atividades, muitas vezes, consideradas artísticas. Talvez por isso na última década tenha havido discussões sobre a formação do docente em artes.

Essa preocupação com a formação do professor de artes não acontece apenas no Brasil. Já nos anos 90, a *Revista InSEA New*, editada pela Internacional Society for Education Through Art, refletia sobre os desdobramentos deste problema. Grauer (1994, p.3), no editorial desta revista, salienta que “na última década, um novo olhar crítico tem sido voltado para a formação do professor. Reformas na educação e artigos e pesquisas na área demonstram que o assunto tem-se transformado em um dos enfoques de maior crescimento, quando a educação do educador tem sido ardentemente contestada em todas as partes do mundo”. Ressalta ainda que que os professores de arte não tem somente estado envolvidos com o assunto, mas, em muitos casos, eles estão liderando o caminho através do desenvolvimento de pesquisa crítica e conceitualização sobre a função do professor para melhor atender a demanda de qualidade do ensino da arte em um contexto social em mudança. (RICHTER, 2015, p.39)

Aparentemente fica claro que parte dos alunos veem a arte no contexto onde estão inseridos e reconhecem as produções feitas por pessoas do meio onde vivem, como arte. No entanto parece não haver um reconhecimento de um profissional naqueles que desenvolvem as produções.

Durante as entrevistas pude perceber nas falas transcritas que a concepção de arte para eles está relacionada com o sentir:

- *Eu considero as formas da gente pensar, a música, a fala, a dança, vai além do desenho e da pintura (Caroline).*

Como uma forma de se expressar. Considerando manifestações religiosas:

- *Arte é quase tudo, tudo o que a pessoa fala, ouve, vê. Dança, cantar na igreja, quadros, mostra de arte, já fui a uma mostra de arte aqui na escola* (Bruno Santana).

- *Foi uma experiência interessante?* (Pesquisador).

- *Sim, o cara gosta de ver coisas novas.* (Bruno Santana).

Ainda as músicas, a danças e o artesanato como forma de expressão e criatividade.

Claramente eles reconhecem que essas pessoas trabalham em outras áreas e produzem o que eles chamam de arte, para relaxar ou para um ganho extra. As falas muitas vezes estão acompanhadas por:

- *[...] tem talento pra fazer os desenhos* (Leticia), ou,

- *[...] fazer bem* (Guilherme).

Indicando no meu ponto vista uma valorização do aperfeiçoamento da técnica, com se o objetivo devesse atingir a perfeição (se aproximar do natural) para ser considerado arte. Segundo Thornton (2015, p.10) artistas são:

Sejam elas personas coloridas, imensas, ou minimalistas, discretas, o artista persuasivo é sempre protagonista, jamais o coadjuvante que habita um estereótipo. Por essa razão, vejo o estúdio do artista como palco particular dos ensaios diários dessa crença em si mesmo.

Diz ainda.

Artistas não fazem arte apenas. Artistas criam e preservam mitos que tornam suas obras influentes. Enquanto os pintores do século XIX enfrentavam questões de credibilidade, Marcel Duchamp, o avô da arte contemporânea, fez da crença sua preocupação artística central. Em 1917, ele declarou que um mictório suspenso era uma obra de arte intitulada Fonte. Ao fazer isso, ele atribuiu aos artistas em geral um poder quase divino de designar qualquer coisa que quisessem como arte. Não é fácil defender esse tipo de autoridade, mas é essencial para um artista que deseja obter sucesso. Numa esfera na qual tudo pode ser arte, não existe nenhuma medida objetiva de qualidade, de modo que o artista ambicioso deve estabelecer seus próprios padrões de excelência. A construção desses padrões exige não apenas uma imensa autoconfiança, mas também a convicção dos outros. Como deidades competitivas, os artistas precisam hoje agir de modo a conquistar um séquito fiel. (THORNTON, 2015, p.9)

Considerando este pensamento, a concepção de arte e da profissão artista desses alunos se afasta do que vem sendo discutido na universidade mas não posso deixar de considerar pensamentos que indicam a aceitação da efemeridade da arte, arte como forma de expressão, arte como sentir e muito menos deixar de considerar a exaltação do que da cultura local, o artesanato, pinturas em tapete e esculturas em madeira de animais e instrumentos de trabalho. Por exemplo, numa das conversas durante o processo de pesquisa, a qual transcrevo aqui:

- *Você conhece ou sabe se existe algum artista na sua cidade?*

- *A Tati a professora de música, desenhos em tapetes, Miria Miguel faz desenhos em bolos (Leticia).*

- *Os desenhos em bolos são feitos por ela ou são aplicações?*  
(Pesquisador)

- *São feitos por ela (Leticia).*

- *Você considera que o bolo seja um suporte para arte mesmo que ele dure tão pouco tempo?* (Pesquisador)

- *Sim mesmo durante pouco tempo ele foi o suporte pra arte dela (Leticia).*

Sobre a arte efêmera vemos que:

Arte efêmera é um conceito curatorial utilizado para denominar instalações, happenings e performances que não têm pretensão de ser perenes e se opõem às formas mais tradicionais da arte, como a pintura ou a escultura. Um quadro, por exemplo, permanece existindo depois de ser pintado, já no happening a arte só existe durante o período em que é realizada pelo artista, podendo ser exposta posteriormente em galerias e museus somente por meio de fotos e vídeos. A arte efêmera nega a ideia de duração e cristalização dos objetos artísticos. No lugar do trabalho projetado e realizado pelo artista, do qual o público só conhece a versão final, o que é exibido é o projeto em processo de realização, de forma que a própria noção de obra, como objeto plenamente realizado, é posta em xeque. (In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras)

Liberdade poética para um pensamento sobre os processos em arte.

Na minha concepção a arte é subjetiva existe concepções formadas pelo mercado de arte, seguido da elite que pensa, estuda e/ou produz arte. Entretanto dentro dessa subjetividade é permitido que leigos – pessoas que não vivenciam arte com diligência – se aproximem da arte de maneira fragmentada e inteiros ao mesmo tempo. É como uma lagarta em metamorfose, é inteira em cada momento mas ao mesmo tempo parte de algo maior.

Na visão dos alunos participantes da pesquisa o profissional artista é aquele que produz o objeto, atingindo uma técnica de excelência. Já o valor que eles dão ao objeto se aproxima dos valores imbricados do seu contexto sociocultural.

Visão essa que no meu ponto de vista pode ser ampliada, por sugiro no próximo capítulo uma aproximação com o local de trabalho deste profissional e também experimentações com funções desenvolvidas no campo da arte, como por exemplo seleção dos trabalhos para uma exposição (curadoria), texto e convite para a exposição e a montagem da mesma incluindo escolha do espaço. Construindo assim um olhar para o profissional artista, além de se aproximar de suas produções,

considerando ainda parte importante que esses alunos já valorizam quem é a arte produzida no meio onde estão inseridos.

## 5 EU NO ATELIÊ: UM ARTISTA NA ESCOLA

*Vamos passear depois do tiroteio/Vamos dançar  
num cemitério de automóveis  
Colher as flores que nascerem no asfalto/ Vamos  
todo mundo... tudo que se possa imaginar*

(Engenheiros do Hawai)

### TÍTULO

Eu no ateliê: um artista na escola

### EMENTA

Concepção da profissão artista; artista, meio e cultura local.

### CARGA HORÁRIA

12 horas/aulas

### PÚBLICO- ALVO

Este projeto foi pensado para a turma do nono ano da Escola de Educação Basica Caetano Lummertz, que participaram desta pesquisa.

### JUSTIFICATIVA

Levando em consideração o que vem sendo discutido nesta pesquisa, ao meu ver, aproximar o aluno da educação básica à realidade profissional do artista pode ser de grande ajuda no processo de compreensão da profissão, conhecer qual é o objetivo desse profissional e quais os meios usados para atingir esses resultados.

Por esse motivo proponho, neste curso, aos alunos de artes da escola, saídas de campo, para conhecer ateliês e espaços de criação de artistas de seu contexto cultural e/ou de uma outra realidade. No meu ponto de vista o espaço onde



o artista está inserido, seu ambiente de trabalho, irá provocar uma difusão de conhecimentos.

O professor de arte nem sempre é um proponente de arte e até mesmo quando o aluno tem o privilégio de ter um educador proponente de arte, este tem aptidões e/ou especializações em uma das áreas da arte. Esse fator não é de todo ruim, muito pelo contrário pode ser muito bom mas o aluno tem o direito de conhecer diversas áreas do conhecimento em arte podendo se aproximar daquela que mais se identificar ou serpentear por aquelas que desejar.

Os assuntos a serem discutidos devem ser previamente contextualizados pelo professor artes, transformando a visita em um instrumento de conhecimento, entendendo o artista como proponente/difusor de conhecimento sobre a área em questão e suas experiências ao longo da sua carreira profissional. Podendo ainda haver uma oficina mediada pelo próprio artista dentro da sua especialidade.

Como sinto a necessidade de estreitar relações entre a comunidade escolar e a comunidade de profissionais artistas com o intuito de desenvolver e aprimorar o campo de conhecimentos de ambos, proponho um projeto com base na proposta de extensão universitária.

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido a reflexão teórica, será acrescido aquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática. A extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (RESOLUÇÃO apud SESU/MEC, 2015, p. 3).

Escola – comunidade – escola, na primeira parte do projeto os alunos da educação básica se aproximarão dos artistas e de seus ambientes de trabalho, construindo assim uma troca de conhecimento mediada pelo educador e o profissional artista, em um segundo momento essas pesquisas, aprendizados e produções se desdobrarão em uma exposição coletiva aberta ao público.

## **OBJETIVOS:**

Geral:

Oportunizar a aproximação com a realidade profissional dos artistas por meio de visitação a espaços de criação.

Específicos:

Ampliar o repertório artístico, com a aproximação do aluno a profissionais atuantes.

Aprimorar as práticas em arte a partir apropriação das técnicas utilizadas pelos profissionais atuantes na contemporaneidade.

## **METODOLOGIA**

1º encontro: 2 h/a

A turma irá pesquisa sobre artistas locais, as pesquisas serão a partir de nomes sugeridos pelo professor artes com base no material fornecido pelo mesmo, se aproximando assim da vida e também do trabalho desenvolvido por este profissional ou profissionais escolhidos pelo professor e que concordaram em participar do projeto. Com este material os alunos irão construir sua primeira impressão sobre o artista, podendo, caso for mais que um artista, dividir a turma grupos. Logo irão pensar uma entrevista semiestruturada para realizar durante a visitação ao ambiente de criação dos pesquisados.

2º encontro: 2 h/a

Com autorizações dos pais para saída de campo, os alunos irão visitar o ateliê do artista ou dos artistas participantes, para fazer a entrevista, conhecer seu trabalho e seu espaço de criação (ateliê), podendo ainda haver uma oficina proporcionada pelo artista em questão, compartilhando com os alunos suas técnicas. Os alunos estarão fotografando e filmando durante a visitação com autorização previa do artista ou dos artistas envolvidos, parte desses registros poderão ser incluídos na exposição.

### 3º encontro: 2 h/a

Momentos destinados para as produções dos alunos com base na experiência que tiveram com o artista ou artistas. Poderão ser processos utilizando qualquer técnica ou criações com base nas pesquisas e conceitos do artista; esse momento de criação na escola também poderá ser fotografado e filmado para registro, os alunos que desejarem também podem utilizar esses momentos para tratar fotos e/ou vídeos feitos durante a visitação e que irão para a exposição. Esses trabalhos deveram ser selecionados com a colaboração da professora e do(s) artista(s) envolvido(s).

### 4º encontro: 2 h/a

Criação do texto curatorial com base nas pesquisas, experiências e entrevistas. Com auxílio do professor de artes será elaborado um breve relato sobre os artistas e sobre as experiências dos alunos durante o processo. Essa aula também será destina para a confecção de um convite para a exposição, com o objetivo de aproximar a comunidade da escola, prestigiando a abertura da exposição ou durante o período que ficará exposta.

### 5º encontro: 2 h/a

Montagem e abertura da exposição com os trabalhos dos alunos e se possível com alguns trabalhos do artista ou artistas envolvidos, também serão expostas as fotografias e/ou filmagens feitas durante a visitação. A data será definida em acordo entre alunos, professores, artista e direção da escola. Possibilitando que a comunidade possa prestigiar.

### 6º encontro: 2 h/a

Roda de conversa, alunos, professor e artista reflexionando juntos sobre a experiência da parceria entre eles e como foi receber a comunidade. Apontando seus aprendizados e construindo conhecimento juntos. Podendo também utilizar este momento como avaliação e auto avaliação.

Assim, como esse grupo, eu também preciso agora refletir e concluir, considerando o ponto de partida e os caminhos, já que acredito que este não é o ponto de chegada levando em consideração tudo o que ainda podemos trilhar, no que se refere a esta pesquisa, a estes alunos e também é claro no que se refere a arte e artista e essa profissão tão linda.

## 6 UMA ANÁLISE PARA ENTÃO PROSSEGUIR

*“Eu quero dizer  
Agora o oposto do que eu disse antes  
Eu prefiro ser  
Essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião  
Formada sobre tudo”*

(Raul Seixas)

Como diria (Lenita) prof. Ma Amalhene Baesso Redig “por último mas não por fim”. E neste momento considero esta frase oportuna para concluir por ora esta pesquisa que precisamos neste momento encerrar, mas sempre haverá novos questionamentos acerca do assunto profissão artista, como a educação em artes influência de maneira positiva ou negativa na formação da concepção deste profissional.

Iniciei esta pesquisa com mais convicções do que estou concluindo. No processo de pesquisa, durante as observações e entrevistas enquanto me aproximava dos alunos do nono ano da escola de EEB Caetano Lummertz, fui percebendo que eles estão em seu processo de construção como sujeito, processo esse que todos nós estamos.

Eu abri esta discussão rememorando minhas experiências com o meu processo durante o ensino fundamental, naquele momento eu tinha percepções diferentes do que tenho hoje e minha convicções eram com base na minhas experiências de vida. Na aproximação com os alunos percebi que os fatores e experiências que eles levam em consideração são diferentes dos quais eram os meus naquela época, logo não há motivo para suas concepções serem iguais as minhas eram ou são no dias de hoje com minhas novas experiências de vida.

Não desconsidero o fato de que o professor pesquisador e as práxis em arte agregam conhecimento, mas também não estou dizendo que alunos que não vivenciam a arte na escola dessa maneira são menos capazes de produzir ou falar sobre arte. A aproximação da arte com vida de maneira filosófica, reflexiva e subjetiva apontam para uma autonomia do sujeito no que se refere aos conhecimentos em arte.

Logo, reflexionando sobre como esses alunos se aproximam da arte, mesmo considerando que de maneira fragmentada, pois se apropriam dela conforme suas experiências, são ainda capazes de criar e falar sobre arte. Mesmo que um dia assim como eu, suas percepções e concepções sejam diferentes.

Certa vez eu li em eu rede social um poema de um autor por mim desconhecido, que dizia:

Notas sobre ela: “Disseram para ela ser Amélia/ E ela foi...Capitu”.

Como posso eu ter me sentido tão representado por essa figura ousada que foi contra ao que lhes disseram que era certo e ter iniciado esta pesquisa com as mesmas convicções de paramentos entre certo e errada? Como posso eu querer trata-los como Amélia se quero mesmo é que sejam Capitu.

Eu agora estou pronto dentro das minhas verdades para seguir em frente, assim como eles dentro das suas verdades e você das suas. É claro, há muito caminho para trilhar, muita metamorfose, muitas novas verdades virão e muitas deixarão de existir e isso faz parte do processo. Para o que temos que estar prontos? É para receber esses novos conhecimentos e aceitar que as coisas mudam e que nossas verdades não são absolutas.

Concluo então por ora que, estes alunos tem uma concepção de arte, diferente da minha e das concepções apresentadas na universidade, uma concepção que eu diria, não menos significativa apenas diferente. Concluo ainda que essas concepções valorizam a arte e mais, valorizam muito o que é da cultura local e os parabenizo por isso. Eu ainda não consigo enxergar, no campo dessa pesquisa – a E.E.B Caetano Lummerz – um reconhecimento no que diz respeito a profissão artista mas por não conseguir ver não quer dizer que não há. E dentro do que podemos perceber essas concepções mudam, e na maioria das vezes muito rápido, então desejo, se ainda não há um reconhecimento, que haja.

## REFERÊNCIAS

- ARTE Efêmera. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo343/arte-efemera>>. Acesso em: 24 de Out. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação e diferentes conceitos de criatividade. In: ZANELLA, Andreia vieira (org). **Educação estética e construção do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. 23 - 28 p.
- BRASIL. Constituição (1978). Lei nº 6533, de 24 de maio de 1978. **Dispõe Sobre A Regulamentação das Profissões de Artistas e de Técnico em Espetáculos de Diversões, e Dá Outras Providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6533.htm)>. Acesso em: 02 out. 2017.
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2009.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ufsm, 2013. 244 p.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Miniaurelio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983
- GOULAT, Ana Paula et al. Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira1. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIA DA MEDIA UFOP -, 9., 2013, Ouro Preto -mg. **Tropicália: a contracultura na Música Popular Brasileira1**. Rio de Janeiro: Ufrj, 2013. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/tropicalia-a-contracultura-na-musica-popular-brasileira>>. Acesso em: 24 out. 2017.
- MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ufms, 2015. p. 17-38.
- RICHTER, Ivone Mendes. A formação do professor de Artes Visuais em uma perspectiva internacional: implicações para o ensino das artes no Brasil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HENÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. 2. ed. Santa Maria: Ed. da UFMS, 2015. 37 – 50 p.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RESOLUÇÃO apud SESU/MEC. Disponível em:  
<<http://www.unesc.net/portal/resources/files/262/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2012-2015-CONSU%20-%20Pol%C3%ADticas%20Extens%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

SAD FILHO, David. **A FORMAÇÃO DO ARTE-EDUCADOR: DIÁLOGOS E CONTRAPONTO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO E SUAS RESSONÂNCIAS NO TRABALHO DOCENTE**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2013. Disponível em:  
<<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DISSERTACAO DAVID.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

Templo de Zeus Olímpico (Naos tou Olympiou Dios – Olympieion). Disponível em:  
<<https://www.expedia.com.br/Templo-De-Zeus-Athens-City-Centre.d500270.Guia-de-Viagem>>. Acesso em: 31 out. 2017.

THORNTON, Sarah, **O que é um artista?**: nos bastidores da arte contemporânea com Ai Weiwei, Marina Abramović, Jeff Koons, Maurizio Cattelan e outros/Sarah Thornton; tradução Alexandre Barbosa de Souza; revisão técnica Bruno Moreschi. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ZAMBONI, Silvio. Situação atual da pesquisa em/sobre arte. In: MOREIRA, Maria Carla Guarinello de Araújo (Org.). **Arte em pesquisa**. Londrina: Eduel, 2005. p. 189-204.